

Nomes Relacionais-Simétricos  
em Estruturas de Quantificação Poliádica

1. Quantificadores n-ários e restrições à sua ocorrência

E. Keenan, num artigo de 1987 intitulado "Unreducible n-ary quantifiers in natural language", chama a atenção para um tipo particular de estruturas envolvendo sintagmas nominais dependentes com mesmo e diferente, afirmando que a presença de qualquer um desses elementos em frases como aquelas que são apresentadas em 1. e 2. tem o efeito de transformar essas frases em exemplos de quantificação n-ária irredutível, isto é, em casos de quantificação de que, alegadamente, não se pode dar conta recorrendo unicamente a quantificadores padrão.<sup>1</sup>

1. Todos os turistas viram um monumento diferente.
2. A Rita e a Sara leram o mesmo livro.

Os sintagmas nominais 'um monumento diferente' e 'o mesmo livro' caracterizam-se por depender do SN Sujeito da frase em que ocorrem. Por outras palavras, em ambas as frases, é o SN sujeito que legitima o segundo SN, aquele em que mesmo ou diferente ocorrem.

Os quantificadores que este tipo de estruturas instancia são` sequências descontínuas formadas por (todos, mesmo) e (todos,

diferente). Segundo Keenan, "são funções de três argumentos (para  $\{0,1\}$ ), em que o primeiro argumento é um subconjunto de  $U^1$  ( $= U$ ), o segundo argumento é um subconjunto de  $U^1$  e o terceiro argumento é um subconjunto de  $U^2$  (ou seja, uma relação binária em  $U$ )." (Keenan 87a, pã 113)

Sendo a demonstração matemática da referida irredutibilidade o objectivo principal deste autor, outras questões são, no entanto, deixadas em aberto. Uma delas é a da caracterização, não levada a cabo por Keenan, dos SNs que legitimam a presença de mesmo e diferente.

Greg Carlson, num artigo também de 1987 intitulado "Same and different: some consequences for syntax and semantics", retoma brevemente essa caracterização, propondo a seguinte condição básica: para legitimar a presença de mesmo e diferente, preservando a leitura da frase em que a interpretação destes elementos não depende do contexto, mas se restringe à própria frase, é necessário que o SN legitimador de mesmo e diferente seja um SN semanticamente plural e interpretado distributivamente. Sendo esta uma condição indiscutível, parece-me, no entanto, que outras restrições existem. Uma dessas restrições torna-se bastante evidente com o uso dos quantificadores vagos. Vejam-se, por exemplo, as frases de 3. e 4..

3. a.\* Muitos rapazes apoiam clubes de futebol diferentes.  
b.\* Muitas mulheres moram em ruas diferentes.
4. a. Muitos irmãos apoiam clubes de futebol diferentes.  
b. Muitas amigas moram em ruas diferentes.

A aceitabilidade das frases 4., que contrasta com a

inaceitabilidade das frases 3., parece sugerir que a substituição de um nome não relacional por um relacional simétrico legitima estruturas deste tipo<sup>2</sup>.

## 2. Nomes simétricos e suas propriedades

Contudo, antes de tentar explicar a razão deste contraste parece-me importante referir brevemente alguns aspectos que caracterizam esta subclasse dos nomes relacionais, por oposição aos outros tipos de nomes. Além dos nomes 'irmãos' e 'amigas', introduzidos na frases de 4., outros exemplos de nomes relacionais simétricos são: 'sócios', 'namorados', 'primos', 'gêmeos', etc... Trata-se de nomes que denotam uma relação simétrica, sendo que uma qualquer relação  $R$  é simétrica se, para quaisquer duas entidades diferentes  $a$  e  $b$ , se o par  $\langle a, b \rangle$  está na relação  $R$  então o par  $\langle b, a \rangle$  também está (por exemplo, se for verdade que a Rita e a Sara são irmãs, então também é verdade que a Sara e a Rita são irmãs, ou, se se der o caso de o Paulo e a Rita namorarem, então é também verdade que a Rita e o Paulo namoram).

Para tentar captar uma das propriedades que julgo caracterizarem os nomes simétricos, comparem-se, de seguida, as frases 5., 6. e 7. :

5. Normalmente os amigos são pessoas reservadas.
6. Normalmente os irmãos são pessoas reservadas.
7. Normalmente os japoneses são pessoas reservadas.

Para a frase 5., a única interpretação possível é aquela em que normalmente as pessoas se mostram reservadas com as

pessoas de quem são amigas, do mesmo modo que para a frase 6. apenas se admite uma interpretação segundo a qual as pessoas manifestam uma certa reserva no seu relacionamento com os seus próprios irmãos. Pelo contrário, para a frase 7. a interpretação mais plausível é que os japoneses são reservados ao relacionarem-se com as pessoas em geral, sejam elas japonesas ou não. Por outras palavras em 5. e 6. consideramos a existência de conjuntos de amigos e de irmãos respectivamente. Esses conjuntos caracterizam-se por cada um dos seus membros ser irmão ou amigo do(s) outro(s) membros do mesmo conjunto e ainda por ser reservado na sua relação com ele(s). Pelo contrário, a frase 7. tem uma leitura estritamente distributiva, em que se quantifica apenas sobre objectos individuais. As frases 5. e 6., que contêm nomes simétricos, parecem pois revelar uma propriedade semântica destes nomes. Esta propriedade consiste no facto de, em determinados contextos, se obter quantificação sobre grupos de indivíduos, ou somas de indivíduos ("i-sums"), tal como elas são apresentadas em Link 86. Repare-se que, na frase 7., onde não ocorrem nomes simétricos, há quantificação sobre o domínio dos indivíduos e não sobre grupos de indivíduos.

Uma segunda propriedade que distingue nomes simétricos de nomes não simétricos é visível quando estes nomes ocorrem no singular em posição predicativa:

8. \* A Sara é prima.

9. \* A Rita é irmã.

10. \* Todas as primas que conheço são simpáticas.

11. O Kurosawa é japonês.

Apenas a frase 10. é aceitável, o que, uma vez mais, separa 'japonês' de 'primas' e 'irmã'. No caso das frases 8. e 9. torna-se necessário mencionar o indivíduo ou indivíduos de quem a Sara é prima e de quem a Rita é irmã, ou seja os indivíduos com quem se está a relacioná-las.

Estreitamente relacionado com este contraste está o facto de de estes nomes, também em posição predicativa mas no plural, imporem à frase uma leitura recíproca, mesmo sem a presença do operador recíproco 'um ... outro'. Vejam-se os exemplos de 12. e 13.:

12. a. A Maria e a Sara são irmãs.  
b. O Nuno e o Miguel são gémeos.  
c. As 2 raparigas são amigas
13. a. A Maria e a Sara são estudantes.  
b. O Nuno e o Miguel são pais.  
c. As duas raprugas são advogadas.

A leitura exclusivamente distributiva do segundo conjunto de frases contrasta com a existência de um valor recíproco nas frases de 12. Repare-se ainda que também em 13. se apresentam nomes relacionais, embora não simétricos, o que torna ainda mais clara a especificidade dos nomes simétricos, mesmo face aos outros relacionais<sup>3</sup>, nomeadamente pelo facto de serem elementos indutores de reciprocidade.

### 3. Nomes simétricos e restrições à legitimação de mesmo e diferente

Analizadas algumas propriedades dos nomes simétricos, retomaremos agora a questão, enunciada no final da primeira

secção, das restrições à geração de estruturas com mesmo e diferente envolvendo quantificadores vagos. Note-se que, tal como é sugerido em Keenan 87, considero que o adjectivo rivais pressupõe o adjectivo diferentes ou seja é uma generalização de diferentes.

14. a. \* Muitos rapazes votam em partidos políticos rivais.  
b. \* Muitos rapazes votam em partidos políticos diferentes.  
c. Muitos rapazes apoiam o mesmo clube de futebol.
15. a. Muitos irmãos votam em partidos políticos rivais.  
b. Muitos irmãos votam em partidos políticos diferentes.  
c. Muitos irmãos apoiam o mesmo clube de futebol.

A semelhança do que aconteceu com as frases de 3., frases como as apresentadas em 14. a. e b. são inaceitáveis. Tal agramaticalidade contrasta com a gramaticalidade das frases de 15., onde o nome não relacional 'rapaz' foi substituído pelo nome relacional simétrico 'irmão'. Importa, pois, tentar encontrar uma hipótese explicativa para esta diferença de comportamento entre nomes simétricos e nomes não simétricos, quando introduzidos por um quantificador vago em estruturas como as apresentadas. Curiosamente, esta análise é talvez mais fácil se se começar pelas frases c. . Comparando a frase 14.c. com a 15.c., verifica-se que, ao contrário das frases a. e b., as frases c. não dão origem a nenhum contraste de gramaticalidade. No entanto, embora sejam ambas gramaticais, é intuitivamente claro que entre elas existe pelo menos uma diferença: em 14.c. a relação 'apoiar' projecta indivíduos em clubes de futebol; em 15.c., projecta conjuntos em funções constantes de indivíduos para clubes de futebol.

A presença de mesmo em 14.c. restringe a relação 'apoiar', que tem por domínio o conjunto dos rapazes e por contra-domínio o conjunto dos clubes de futebol, fazendo com que a maior parte dos indivíduos no domínio seja projectada num único clube de futebol.

Passando à frase 15.c., a primeira dificuldade surge quando se verifica que não é possível definir o conjunto dos irmãos da mesma maneira que se definiu o conjunto dos homens ou se define o conjunto das pessoas louras. 'irmãos' é um nome relacional que se caracteriza por relacionar e agrupar indivíduos. Como dois irmãos não são forçosamente irmãos de um terceiro indivíduo, não podem os três ser incluídos no mesmo grupo. Daí que seja necessário considerar-se a existência de vários grupos, no interior dos quais todos os indivíduos estão relacionados, através de laços familiares de "fraternidade", sendo contudo esses grupos independentes uns dos outros. Isto parece ir ao encontro do significado da frase 15.c. que pode ser parafraseada da maneira que segue:

15.c' Há muitos grupos de irmãos que apoiam o mesmo clube de futebol.

Assim sendo, no caso da frase 15.c., a relação 'apoiar' não projecta indivíduos em clubes de futebol mas antes grupos de irmãos em funções constantes de indivíduos para clubes de futebol.

Tudo o que foi dito em relação à frase 15.c. é válido "mutatis mutandis" em relação às frases 15.a. e b. Em

qualquer uma destas duas frases 'muitos' está a quantificar precisamente sobre grupos de indivíduos, em cada um dos quais todas as pessoas são irmãs umas das outras.

Imagine-se se a existência de, por exemplo, dez pares de irmãos, pertencendo cada um desses pares a uma família diferente. Sendo cada par naturalmente composto por dois elementos, deu-se, em oito desses pares, o caso de as preferências partidárias de um dos irmãos não coincidirem com as do outro irmão. Não é de modo nenhum aceitável uma interpretação em que numa única família, em que há 10 irmãos, apenas dois deles votam no mesmo partido, votando os restantes em oito partidos rivais.

Em 15.b. a relação apoiar projecta também conjuntos em funções - agora, injectivas - de indivíduos para partidos políticos. Deste modo, nas frases apresentadas em 15., 'muitos' quantifica sobre pares, triplos, quádruplos, etc... de indivíduos e não sobre indivíduos, como acontece em 14.c.. Não se pretende com isto afirmar que, no caso de frases como as de 15., os elementos básicos são pares ou triplos, etc... de indivíduos. Tenha-se em conta que 'votar' é um predicado atómico e como tal se aplica única e exclusivamente a SNs atómicos simples.

O que acontece nas frases 15. é que é necessário que os átomos individuais, sejam os elementos básicos, ainda que 'muitos' não quantifique directamente sobre indivíduos mas sim sobre grupos, que são os conjuntos de 'irmãos'.

Note-se ainda que o âmbito de diferentes ou de rivals se



restringe a cada um dos grupos considerados. É perfeitamente possível que muitos indivíduos, desde que pertençam a grupos diferentes, votem no mesmo partido, sem que isso altere a verdade das frases 15.a. e 15.b.. Se assim não fosse, nada justificaria agramaticalidade desta frase por oposição à agramaticalidade das frases a. e b. de 14.

Em suma, a diferença fundamental entre as frases 14. e 15. é a seguinte: nas primeiras, 'muitos' quantifica sobre indivíduos, na segunda sobre grupos de indivíduos. É a esta diferença que deve ser atribuído o contraste de aceitabilidade existente entre as frases 14.a. e b. e 15.a. e b.

#### 4. Mesmo e diferente

A razão pela qual a oposição entre quantificação sobre indivíduos e quantificação sobre grupos de indivíduos desempenha um papel importante na análise de estruturas envolvendo mesmo e principalmente diferente, relaciona-se possivelmente com uma característica fundamental de mesmo e diferente: qualquer um destes elementos implica sempre uma comparação, seja ela de preferências partidárias ou futebolísticas, de livros lidos, de monumentos visitados etc... .

Uma tal comparação não é problemática se o conjunto dos indivíduos em questão estiver bem definido ou bem delimitado: Contudo, se assim não acontecer essa comparação é possível

no caso de mesmo mas impossível no caso de diferentes. Penso que a razão por que com mesmo ela é possível tem que ver com o seguinte: é o facto de, por exemplo, terem votado no partido PS que une e relaciona as pessoas em questão e como cada pessoa votou num único partido ela só pode pertencer a único grupo, o grupo dos votantes nesse partido. Fica assim criado o grupo de votantes num dado partido.

Tal não acontece obviamente no caso de diferente, sendo neste caso difícil estabelecer qualquer relação entre os votantes e comparar os respectivos votos.

A aceitar-se uma frase com 'muitos' e diferentes seria necessário admitir a existência de muitos partidos também. No entanto tais frases são legitimadas pela introdução de nomes simétricos, que têm o efeito de juntar os indivíduos em grupos, ficando nestes casos o âmbito de mesmo e de diferentes limitado a cada um desses grupos. Recorde-se o contraste existente entre as frases c.

- 14.c. Muitos homens apoiam o mesmo clube de futebol.
- 15.c. Muitos amigos apoiam o mesmo clube de futebol.

Esta hipótese parece coadunar-se com uma outra para a qual João Peres (c.p.) chamou a minha atenção: os quantificadores que não legitimam a presença de diferentes em contextos idênticos aos apresentados ao longo do trabalho são os quantificadores anti-grupais. Vejam-se as seguintes frases, que ilustram o comportamento de 'ambos', quantificador que é considerado por Peres 87 anti-grupal por excelência.

16. \* Ambos os jornalistas entrevistaram políticos diferentes
17. \* Ambas as estudantes moram em ruas paralelas
18. \* Ambos os irmãos moram em cidades distantes.

Em nenhum dos casos, nem mesmo na frase 18., o SN sujeito legitima a presença de diferentes ou qualquer uma das suas generalizações.

Note-se que as restrições impostas aos SNs legitimadores de diferente, devem também ser impostas aos SNs legitimadores no caso das construções recíprocas. Tal é perfeitamente natural, uma vez que também diferente é um adjectivo simétrico ou recíproco. Vejam-se, a título de exemplo, as seguintes frases:

19. a. \* Muitos rapazes não se entendem  
b. \* Muitas raparigas são parecidas  
c. \* Muitos rapazes apoiaram candidatos rivais
20. a. Muitos irmãos não se entendem  
b. Muitas amigas não se entendem  
c. Muitas amigas apoiaram candidatos rivais

A não legitimação de diferentes (ou das suas generalizações) por 'muitos', exemplificada uma vez mais na frase 19.c., deve ser relacionada com a inaceitabilidade das frases 19. b. e c., exemplos de construções recíprocas. Também no caso destas construções, a introdução de nomes simétricos torna essas mesmas frases aceitáveis, como se pode ver em 20. b. e c..

Também a restrição relativamente aos quantificadores anti-grupais acima apresentada é válida no caso das construções recíprocas, como as frases abaixo parecem indicar.

21. \* Ambos os irmãos se odeiam
22. \* Ambos os irmãos são diferentes
23. \* Ambos os irmãos vivem em países diferentes

## 5. Conclusão

Os contrastes de gramaticalidade apresentados ao longo do artigo foram no sentido de mostrar que, para a computação de estruturas de quantificação envolvendo mesmo e principalmente diferente, é necessário ter em conta o tipo de entidade plural que o SN legitimador denota. Partindo da proposta de Carlson 87, segundo a qual se trata de um SN plural interpretado distributivamente, torna-se também relevante a distinção entre quantificação sobre indivíduos e quantificação sobre somas de indivíduos. Em alguns casos, como o dos quantificadores vagos, como muitos, apenas a quantificação sobre somas de indivíduos legitima a presença de diferente. Esta pode ser conseguida pelo recurso a nomes simétricos.

Em segundo lugar, as restrições que dizem respeito à legitimação de diferente são também válidas para o caso das construções recíprocas, uma vez que quer no caso de diferente quer no caso das suas generalizações, o que está em causa são adjectivos recíprocos.

## Notas

1 A presença de diferente na frase 1 tem o efeito de forçar a relação 'ver' a ser ou a incluir uma função injectiva ao passo que o elemento mesmo, na frase 2, força a relação 'ler' a ser uma função constante. Diferente e mesmo restringem dessa maneira as relações binárias expressas nessas frases.

2. As restrições, evidenciadas em 3., à legitimação de diferente por um SN introduzido pelo quantificador vago 'muitos' existem, não só em Português, mas também no caso do Inglês e do Alemão, pelo menos.

3 Por oposição aos outros nomes relacionais simétricos, o nome 'gémeos' apresenta uma certa dualidade, na medida em que pode ocorrer em contextos em que outros nomes da mesma classe não ocorrem, ou então dar origem a casos de quantificação sobre indivíduos, dando os restantes origem a casos de quantificação sobre somas de indivíduos. É o que acontece nas frases que são apresentadas de seguida.

24. A Paula é gémea.

25. Todas as gémeas que conheço são simpáticas.

26. Os gémeos costumam ser pessoas reservadas.

Conforme se viu anteriormente, frases em tudo idênticas às de 24. e 25., em que contudo em vez do nome 'gémeos' se apresentou um outro simétrico, eram inaceitáveis. Já na frase 26., 'gémeos' perde de certo modo o seu carácter relacional. Não é preciso ter-se em conta pares, triplos, etc... de gémeos para interpretar esta frase, ou seja não é preciso relacionar-se um indivíduo com o outro ou outros de quem é gémeo, dado que a frase não quer dizer que um gémeo seja reservado com o seu gémeo, mas antes que os gémeos são pessoas reservadas no seu relacionamento com as pessoas em geral. Apesar desta particularidade do nome 'gémeos' o que nos interessa neste artigo são obviamente os casos em que 'gémeos' não perde o seu carácter relacional.

## Referências

- BENTHEM, J. van (1987). "Polyadic Quantifiers". Linguistics and Philosophy 12. 4. 437-464.
- CARLSON, G. (1987). "Same and Different: Some Consequences for Syntax and Semantics". Linguistics and Philosophy 10. 4. 531-565.
- KEENAN, E. L. (1987a). "Unreducible N-ary Quantifiers in Natural Language". In Peter Gardenfors (ed.), Generalized Quantifiers. Linguistic and Logical Approaches, Dordrecht: D. Reidel.
- LINK, G. (1986). Generalized Quantifiers and Plurals. CSLI Report No. CSLI-86-67
- PERES, J. (1987). Para uma Semântica Formal da Quantificação Nominal Não-Massiva. Universidade de Lisboa, diss de doutoramento.
- WESTERSTAHL, D. (1987). "Branching Generalized Quantifiers and Natural Language". In Peter Gardenfors (ed.), Generalized Quantifiers. Linguistic and Logical Approaches, Dordrecht: D. Reidel.